

## Brindar Deleuze é (P)ovo(Ar): “o mundo inteiro é um ovo”<sup>1</sup>

## Toasting Deleuze is (P)ovo(Ar): “the whole world is an egg”

GLÁUCIA FIGUEIREDO<sup>2</sup>

**Resumo:** Exatos 25 anos se passaram desde o primeiro impacto causado pela obra *Diálogos* do filósofo francês Gilles Deleuze em minha jornada existencial. Brindar os cem anos do nascimento do *Filósofo da diferença, vida* que segue pulsando através de muitas outras, é uma honra. O breve relato compartilhado neste artigo é prova disso. Gilles Deleuze (se) tatua (n)o mundo - o seu (e) é *assinaturamundo*. O (entre), sua *marcaconectiva*. Sua lógica é *aberrante*. Seu empirismo, *transcendental*. Seu cérebro é um *Outro*. Consciência é *ato vital*. Sensação é *variedade*. Seu animal é *anômalo*. O problemático é um *complexo virtual diferenciado*. As suas lutas não são contra o Caos, mas (com ele). Pensamento puro é *sem-imagem*. Repetição é *duração diferencial*. A sua filosofia, exercícios lógicos e incansáveis de diferir diferen(ç)ando. Diferença, expressão singular em ‘campo intensivo’ é ‘metodizada’ pela *dramatização*. P(ovo)Ar torna-se tática intensiva, expressão ético-política, artística e pedagógica – visibilizar (in)visíveis. A convergência ‘*drama-ovo*’ faz ruir questionamentos balizadores do pensamento representacional, o *que é?* se torna questão frágil, vai importar a força de outras perguntas: para quê? Quando? Quanto? Como?. No final, brindar a Deleuze é ser brindada por sua anarquia coroada pela perversão das ordens previamente estabelecidas através de dinamismos espaço-temporais compostos pelo substantivo da *multiplicidade* e pelos desígnios de uma diferença diferen(ç)ante.

**Palavras-chave:** Deleuze; Ovo; Drama.

**Abstract:** Exactly 25 years have passed since the first impact of the work *Dialogues* by French philosopher Gilles Deleuze on my existential journey. To toast the 100th anniversary of the birth of the *Philosopher of Difference*, a life that continues to pulsate

---

<sup>1</sup> “Sob a organização, assim como sob a especificação, encontramos tão somente dinamismos espaço-temporais: isto é, agitações de espaço, buracos de tempo, puras sínteses de velocidades, direções e ritmos. [...] “dinâmicas de ovo”. A este respeito, o mundo inteiro é um ovo.” DELEUZE, G. *A ilha deserta: e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006 (p.132).

<sup>2</sup> Pedagoga. Mestre e doutora em Filosofia da Educação pela Unicamp (Brasil). Fez parte de seu doutorado na Universidade Nacional de Córdoba (Argentina) e na Université de Rouen (França). Realizou seu primeiro pós-doutorado no IFCH (Unicamp). Foi professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e Universidade de Brasília (UnB). Trabalhou como professora e pesquisadora do departamento de História e Filosofia da Educação da Universidad de la República (Uruguai). Atualmente é pesquisadora convidada do Departamento de História e Filosofia da Educação (UdelaR/Uruguai) e professora credenciada da Unicamp/Brasil. Realiza seu segundo pós-doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp. Faz parte da ALFE (Associação Latino-americana de Filosofia da Educação) e é diretora científica da coleção “Filosofia e Educação” da Editora Appris (Brasil). E-mail: [glaufig@gmail.com](mailto:glaufig@gmail.com) / [glaumfs@unicamp.br](mailto:glaumfs@unicamp.br). Orcid: 0000-0002-0754-3222

through many others, is an honor. The brief account shared in this article is proof of that. Gilles Deleuze (tattoos) himself on (the) world - his (e) is *signatureworld*. The (between), his *connectivemark*. His logic is aberrant. His empiricism is transcendental. Your brain is an Other. Consciousness is a vital act. Sensation is variety. Your animal is anomalous. The problematic is a *differentiated virtual complex*. Its struggles are not against Chaos, but (with it). Pure thought is *without image*. Repetition is *differential duration*. Its philosophy, logical and tireless exercises to differ by differen(c)ent. Difference, singular expression in an ‘intensive field’ is ‘methodized’ by *dramatization*. P(ovo)Ar becomes an intensive tactic, an ethical-political, artistic and pedagogical expression – to make visible (in)visibles. The ‘drama-egg’ convergence brings down questions that are the cornerstones of representational thinking: what is it? becomes a fragile question, it will import the force of other questions: what for? When? How much? How? In the end, to toast Deleuze is to be toasted by his anarchy crowned by the perversion of previously established orders through space-time dynamisms composed of the noun of *multiplicity* and the designs of a *difference differen(c)ent*.

**Keywords:** Deleuze; Egg; Drama.

## Deserto

Dezembro de 2000. Segundo ano da licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói). Primeiro ano de trabalho com a monitoria da disciplina Epistemologia das Ciências da Educação. Orgulho de ter ‘fugido’ de casa para ser professora – imagem profissional perseguida graças à atuação de minha avó como alfabetizadora por toda sua vida. No instante exato daquele ano, há um arrebatamento. Uma violência. Um deslocamento existencial. Uma espécie de ‘solidão’ se instala e produz muita alegria, uma vontade de desfrute, pureza instantânea. Leveza substancial. Longe das pressões edipianas. Distante do peso das *doxas* familiares a respeito de (uma) vida, a minha. Afastada dos corriqueiros julgamentos sobre como proceder neste mundo, um deserto acometia intensa e delicadamente. Seduzida, experimentações acontecem. Desde *espaços* que pediam por habitação (moradia estudantil, bandeirão, centro acadêmico, grupos de pesquisa, etc) até tempos que, suspensos no próprio tempo dos encontros (com) pensamentos (pessoas reais e virtuais), sugeriam atualizações.

Atualizar uma dinâmica espaço-temporal não é tarefa simples. Não se sabe de antemão como se realiza, mas fato indiscutível é que há uma lógica que baliza o seu próprio construtivismo. Esta construção acontece quando o movimento é agitação aleatória. No a-centramento do agito, cruzamentos se expressam no

delírio dos elementos agitantes. Redemoinhando através da supracitada dinâmica, um livro é lançado para minhas mãos no fim de uma manhã de trabalho. Em minha retina, uma esplêndida paisagem gragoatanesca, um livro e um ‘eu’. Passeio. Deslizo com este livro pelo Campus do Gragoatá e a sensação era de extensivizar ‘intensivando’, mas nem se sabia que era isso que ali acontecia. Que livro era? *Diálogos*<sup>3</sup>, uma entrevista realizada pela jornalista francesa Claire Parnet com o filósofo francês Gilles Deleuze<sup>4</sup>. No primeiro capítulo “Uma conversa, o que é, para que serve?” a leitura de uma frase produz uma *articulação autêntica* e inverte o valor clássico, daquilo que se aprendera recentemente - que nos processos de construção histórica da educação, nutrindo um “hereditarismo pedagógico”, tudo, necessariamente, se inicia por uma teoria. Algo deste gênero era persistentemente discutido no curso de Pedagogia, a famosa articulação “teoria-prática” na qual a teoria sempre deverá ser primeira; isso era bonito quando contextualizado em uma aula na esperança de que as pedagogas em processo “formativo” entendessem a importância da teoria para ‘fundamentar’ suas práticas, mas a vida mostrava que este movimento não era imediatamente linear como fora apresentado, pois no real a vida agitava indistintamente a teoria como ação articulatória primária e aquela frase lida ao acaso provava isso muito fortemente.

Qual frase desencadeia esta dinamicidade vital e o indistinto indeclinável? “O deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 19). O que esta afirmação de Deleuze confirma é que a proveniência é

---

<sup>3</sup> Cf. Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

<sup>4</sup> A entrevista de Claire Parnet com Gilles Deleuze, que resultou no livro *Diálogos* foi realizada entre 1972 e 1990. Esta compilação de conversas entre eles versou sobre uma variedade de temas filosóficos, artísticos, científicos e políticos. A conversa foi realizada em várias sessões ao longo desse período, resultando em um conjunto de conversas que foram posteriormente publicadas em formato de livro. A primeira publicação da obra foi em 1998, mas o trabalho de gravação e seleção das conversas ocorreu nos anos supracitados.

sempre agito; forças agitadoras podem ser intuídas<sup>5</sup> a partir de três movimentos concomitantes: 1. Partem necessariamente do ato de pensar e de uma prática pragmática (univocidade); no ‘meio’ é sempre vida acontecente (multiplicidade) e, somente após este duo cadenciar que a caixa de ferramentas teórica é útil como catapulta para o lance do (i)novo. São três passagens que estão em turbulenta consonância diagonal: (ação-vida-teoria) constantemente. Isso engendrava o porquê para as pedagogas-professoras era tão difícil ‘assimilar’ uma teoria e fazê-la ecoar em suas próprias práticas; a razão era simples – a aprendizagem era de que a teoria era primeira, mas a vida demonstrava que são as combinações que importam e a vida sempre estará atuando no meio delas. É a vida que puxa pelo meio movimentos iniciais e finais fazendo explodir suas ordens pré-estabelecidas.

Exatos 25 anos após encontrar este texto, e ser profundamente marcada por aquela frase, urge brindar os cem anos de nascimento de Gilles Deleuze. É imprescindível celebrar o nascimento do Filósofo da diferença - na imanência, (uma) vida – que segue a pulsar através de muitas outras. O breve relato aqui compartilhado é prova disso. Escritos de Deleuze “só” e de Deleuze com “outros” seguem desferindo na superfície de minhas “transmudações” vitais, tal como tatuagem com vida própria, pigmentos transformados pela força mutante da pele. Brindar sua transição contínua, seu fluxo conectivo que vive em cada entrelaçamento existencial que é marcado pelo registro de sua multiplicidade filosófica é, portanto, uma tarefa extremamente honrosa.

O seu (e) é “assinaturamundo<sup>6</sup>”. O (entre), sua marca conectiva. Sua lógica é aberrante. Seu empirismo, transcendental. Seu cérebro é um Outro. Consciência é ato vital. Sensação é variedade. Seu animal é anômalo. O problemático é um complexo virtual diferenciado. As suas lutas não são contra o Caos, mas (com

---

<sup>5</sup> “A *intuição* é o método do bergsonismo. A intuição não é um sentimento, nem uma inspiração, uma simpatia confusa, mas um método elaborado, e mesmo um dos mais elaborados métodos da filosofia. Ele tem suas regras estritas, que constituem o que Bergson chama de ‘precisão’ em filosofia” (DELEUZE, 2004, p. 7).

<sup>6</sup> Para quê utilizar as expressões em *itálico* e sem *hífen*? A justificativa concerne ao fato de que não se trata de uma mera brincadeira estética de ordem gramático-lexical, mas um esforço demonstrativo não-representativo, movimento que habita a palavra. Palavra inventada e nutrida através de roubos conceituais necessários.

ele). Pensamento puro é sem-imagem. Repetição é duração diferencial. A sua Filosofia, exercícios lógicos e incansáveis de diferir diferencando. Diferença, expressão singular em ‘campo intensivo’ e ‘metodizada’ pela dramatização<sup>7</sup>.

Ainda na ação de prosseguir ao lado dos acasos disparadores deste brinde, não poderia deixar de narrar a itinerância de estudos das obras de Deleuze que levam a grata surpresa conectiva e produtiva entre Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em 2002 ao realizar o trabalho de bolsista de Iniciação científica do Grupalfa/UFF (Grupo de Estudos e Pesquisas Alfabetização dos Alunos e Alunas das classes populares), surge em uma das reuniões do Grupo, rodando pela mesa, entre as professoras, um tal “Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia” de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Imediatamente o link – aquele era Deleuze, o autor de “Diálogos”, que havia provocado uma reviravolta belíssima em meu modo de estar no mundo. Afinal, o encontro entre eles era acontecimento transcendental, era a “quarta pessoa do singular”<sup>8</sup> funcionando, ‘caleidoscópio louco’ - o livro demonstrava um borrão, a escrita era um exercício de escrita de ‘entre amigos’<sup>9</sup>. Um platô (em) operação. Qual volume havia sido projetado para minhas mãos? O último volume da coleção, o volume cinco. O primeiro capítulo, me captura: *Tratado de nomadologia: a máquina de guerra*.

De que se tratava tudo aquilo?

553

---

<sup>7</sup> Sobre a “dramatização” encontramos referências detalhes em: a) DELEUZE, G. O Método de dramatização [1967]. In: *A ilha deserta: e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006 (p.132); b) DELEUZE, G. Universalidade da dramatização. In: *Diferença e Repetição*. Tradução Luiz B.L. Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 1ª edição, 2ª edição, 2006 (p. 308).

<sup>8</sup> “O que não é nem individual, nem pessoal, ao contrário, são as emissões de singularidades enquanto se fazem sobre uma superfície inconsciente e gozam de um princípio móvel imanente de auto-unificação por *distribuição nômade* que se distingue radicalmente das distribuições fixas e sedentárias como condições das sínteses de consciência. As singularidades são os verdadeiros acontecimentos transcendentais: o que Ferlinghetti chama de “a quarta pessoa do singular”” (DELEUZE, 2003, p.105).

<sup>9</sup> “É próprio da amizade conciliar a integridade da essência e a rivalidade dos pretendentes [...]. O amigo, o amante, o pretendente, o rival são determinações transcendentais, que não perdem por isso sua existência intensa e animada, num mesmo personagem ou em diversos” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 12).

Nada mais e nada menos, que da relação entre nômades e Estado. Máquina de guerra nômade e Aparelho de Estado. “*Nomos do go contra Estado do xadrez*”<sup>10</sup>. A identificação foi imediata. Entendia que a ‘imposição’ de um nomadismo extensivo parental constituidor dos meus processos de subjetivação encontrava ancoradouro naquela construção filosófica. O consentimento era a liberação do peso fundador de uma constituição subjetiva baseada na clássica relação familiar nucleada, estriada, sedentarizada - “papai-mamãe juntinhos com suas crias para todo o sempre”. Papai e mamãe já não existiam. As crias fugiram de casa. Tudo havia sido radicalmente transformado a despeito do emblema cultural e político modelador daquelas vidas: alguém ainda insistia “defendamos a tradição, a família e a propriedade!”; Impossível sustentar. Entre ruínas em construção, aquela velha senhora - a filosofia - arrastava e havia leveza para que o arrastão acontecesse: a menina ‘disruptiva’ joga fora o tijolo da culpa e simplesmente desliza. Foi a convers(ação) interna mais potente já realizada naquela trajetória acadêmica: a mobilidade se comunicando com o sedentarismo, portanto, nomadismo combatendo na atualidade, todas as vontades de Identidade, fazendo-as derrocar.

Numa nota de rodapé do tratado de nomadologia, especificamente em sua página 52, Deleuze e Guattari fazem referência aos estudos de Arnold J. Tonybee<sup>11</sup> quando enfatizaram a natureza do movimento nômade. “[...] o nômade é antes *aquele que não se move*”<sup>12</sup>. Como não estar afetada por algo tão real, tão concreto, cotidiano e corriqueiro, sentir ressonâncias com aquele modo de existir que se propunha para mim há tempos; algo já experimentado tantas vezes pelo meu corpo no mundo, mas que não tinha ‘nome’, era a caixa de ferramentas teórica

---

<sup>10</sup> Cf. Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. Tratado de nomadologia: a máquina de Guerra. In: *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 14.

<sup>11</sup> Toynbee, A.J. L’histoire. Título original: *A study of History*. (A new edition revised and abridged by the author and Jane Caplan). 1972, Oxford University Press na Thames and Hudson Ltd; 1978, Elsevier Séquoia, Bruxelles, pour l’edition en langue française; 1981, Bordas; 1996, Éditions Payot & Rivages.

<sup>12</sup> *Grifo do Tradutor*. Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Tratado de nomadologia: a máquina de Guerra. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 52.

ressoando de modo singularmente operatório. Atirada para a obra de Tonybee, a leitura mobiliza:

*Le tour de force* que constitue le nomadisme réclame un haut degré de conduite et de caractère ainsi qu'un instinct fort développé de loyauté et de solidarité de clan. Sans ces qualités, le convoi en bon ordre qui chemine à travers la steppe se décomposera en une foule de fragments, incapables de survivre à l'isolement. (TOYNBEE, 1996, p. 189)<sup>13</sup>

Para estar no deserto é preciso 'bandear', pertencer a um coletivo sem fragmentá-lo quando o território se torna inóspito, a experiência do pertencimento é sempre uma mágica partilha. O impacto causado por esta percepção, se referiu não somente ao fato de que o nomadismo se apresentou como um problema a ser acompanhado de modo teórico, mas especialmente, porque realizava consonâncias diagonais com a minha jornada. O que estava em pauta? Um sentimento de coletividade. Pertencimento fora de 'casa'. Deslizar era política. Esperar, uma ética. Parentalidades apareciam na extensão. Vinculações intensivas surgiam. Lealdade a um clã de ofício – docência. Unir sem identidarizar. Traços investigativos eram esboçados. Movimento e velocidade eram, então, desvelados como funções primordiais. Era a primeira vez que era esclarecida a ideia da “pausa como processo”. Era importante assimilar que o movimento é extensivo e a velocidade intensiva, e por isso mesmo, que “o movimento designa o caráter relativo de um corpo considerado como ‘uno’, e que vai de um ponto a outro; a velocidade, ao contrário, constitui o caráter absoluto de um corpo cujas partes irreduzíveis (átomos) ocupam ou preenchem um espaço liso, à maneira de um turbilhão, podendo surgir num ponto qualquer”.<sup>14</sup>(DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 52-53).

555

## Nomadismo

<sup>13</sup> Em tradução livre: “A *façanha de força* do nomadismo exige um alto grau de conduta e caráter, bem como um instinto altamente desenvolvido de lealdade e solidariedade clânica. Sem essas qualidades, o bando organizado que atravessa a estepe se fragmentará em uma massa de fragmentos, incapaz de sobreviver ao isolamento”.

<sup>14</sup> Grifos do tradutor.

O encontro com este texto específico de Deleuze e Guattari gerou um embrião problematológico, um ‘rompante’ de pesquisa. Este furor investigativo adveio de uma forte premissa: é preciso que outras pedagogas e professoras se afetem com este estudo. Como conseguir isso? Nunca existiu a ‘vontade de identidade’ como pairava naqueles ares acadêmicos. Os estudos sobre o nomadismo dificultavam uma aceção identitária nos termos clássicos, mas naquele momento ainda não a impediam totalmente. Era um estudo sem fim e o desenho de uma ‘identidade nômade’ ainda prevalecia. Não obstante, esta ‘identidade’ gerava o incômodo crucial para continuar em estado de desconfiança, afinal, era um desejo de pertencimento coletivo que preponderava. Pesquisar e escrever eram tarefas que deveriam estar apoiadas na esperança de que o escrito seria lido, apreendido e experienciado não somente por ‘pares acadêmicos’, mas fundamentalmente, para quem estava no chão das escolas e dos espaços informais e não formais de educação. Pesquisar (com) o cotidiano escolar era uma missão aprendida através do Grupalfa no primeiro ano da licenciatura.

556

Conforme narrado, desde a entrada no curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense o questionamento sobre o caráter da pedagogia, sobre sua origem e natureza era uma constante em diversos espaços da universidade, desde as salas de aulas e grupos de pesquisas até a militância estudantil. Nesse bojo, surgiam questões: Quem é o profissional que se forma em pedagogia? Quais as semelhanças e as diferenças entre professores e pedagogos? Enfim, o que caracteriza a pedagogia e os profissionais que a exercem?

Esses e muitos outros questionamentos fundamentaram a pesquisa inicial – uma estudante do curso de pedagogia em busca de sua identidade pessoal/profissional e implicada com as demandas coletivas sobre movimentos concretos-cotidianos de articulação entre teorias e práticas educativas.

Em 2004 o trabalho monográfico de conclusão do curso intitulado *Uma Pedagoga em busca de sua identidade: um estudo sobre a formação profissional a partir do Curso de Pedagogia da FEUFF* se torna a base de um projeto de mestrado apresentado para a Faculdade de Educação da Unicamp *Da(s) Pedagogia(s) ao*



*ofício de Pedagogo(a) – um estudo sobre a Identidade na contemporaneidade* financiado pela Fapesp (Fundação de Amparo a pesquisa do Estado de São Paulo). O mestrado se transforma em um Doutorado Direto devido a força temática e inovação no campo. Da qualificação do mestrado até a defesa do doutorado o que era “Identidade nômade” passa a figurar “Traçados nômades”, graças ao aprofundamento teórico e conceitual no campo da Filosofia da diferença.

O nomadismo apresentou-se, portanto, como um saber inovador quando incorporado ao conceito de identidade, pois se transformou na antítese do que ele é enquanto conceito primeiro. Estudar sobre a identidade de pedagogos(as) e pedagogia a partir da perspectiva nomádica foi uma opção epistemológica que contribuiu radicalmente para o processo de exoneração da identidade e possibilitou o tracejo de *linhas de fuga* sobre a problemática investigada.

O campo da filosofia da educação tornou-se extremamente fecundo para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado porque o acervo teórico-conceitual da educação encontrava-se extremamente empobrecido no concernente a problemática identidade-diferença. Num segundo plano de análise, o trabalho se justificou não somente em função da ausência de pesquisas que analisavam a questão identitária da pedagogia e dos(as) pedagogos(as) a partir deste prisma teórico-conceitual (filosofia da diferença) mas também por imprimir um outro olhar às outras formas de abordagem, retirando delas perspectivas e leituras ainda impensadas no campo da educação. A questão da(s) identidade(s), através do pensamento de Deleuze e Guattari, era reconhecida devido a concepções que foram historicamente compreendidas, mas jamais experienciadas por uma geografia. A proposta apresentada foi a de abandonar uma herança histórica e apostar numa Geopedagogia – uma ‘pedagogia menor’.

A pedagogia menor que se defende, desde então, e que deve ser continuamente anotada e construída possui características fundamentais. Ela pode ser entendida como:

a) uma ‘abordagem singular em educação’, pois conviverá com a oficialidade da pedagogia maior. Por que ela é uma abordagem singular? Porque concerne a uma casuística instalada por distintas situações de aprender, ou seja, porque

ela está ao lado deste acontecimento, acompanhando situações concretas cotidianas daquele que aprende, ela não pressupõe, como as didáticas clássicas e a oficialidade pedagógica, que o ensino tem relação direta com a aprendizagem. Então, sublinho, a pedagogia menor está sempre *ao lado* do aprender, anotando-o de modo obsessivamente detalhista.

b) um tipo de ‘cartografia’, uma pedagogia menor cartografa, mapeia, desenha mapas alinguísticos, mapas signos, mapas símbolos, mapas filmes, mapas fotos, mapas gritos, mapas gemidos, mapas corpos, mapas sons, mapas dons, ela é possibilitadora das condições de experiência para o ato livre do aprender, ela carrega a potência de confrontar-se com encontros mutantes, plásticos, criativos, nos diversificados modos de apreensão acontecimental, descobertas de mundos.

c) um ‘saber modular’ porque opera (de)modulando e vai construindo uma espécie de autorregulação destes atos livres de aprender; ela vai expressando essa autoregulação. Esta característica será melhor esboçada na terceira etapa da pesquisa. O que é suposto questionar em seguida é sobre o *acontecimento pedagógico*. Como pode ser captado o acontecimento pedagógico? Através de uma experiência interior intensiva. Quando falamos do corpo da criança quando ela brinca, ela está em estado de aprender, ou quando cria suas linhas de trapças, quando foge do dado, quando busca o arrebatamento do não-dado (signo), quando se expressa de modo liso e livre. Ou seja, eu dou exemplo das crianças, mas podemos também falar de como alguém aprende latim, matemática, o que fundamental entender é que esse acontecimento pedagógico é disparação, uma experiência interior intensiva e o ato de aprender é acompanhado pela Pedagogia menor como (um) estado em suas várias durações.

d) a pedagogia menor é ‘hiper e trans conectividade’ entre saberes e disciplinas instituídas, nesse sentido a pedagogia maior está vinculada a uma educação maior, a um modelo educativo, a uma modelização, a um formato, há uma intenção, com “ç”, ou seja a pedagogia maior quer o objetivo, querer que o objetivo se realize, formatação e formas do aprender, quais são as formas? Por outro lado o que a pedagogia menor faz? Ela é de-modula, acompanha a plasticidade dos objetos em cena, é singularização no tempo da intensão com “s”,

ela faz fluir a tensão do objetivo desse objetivo pelo inusitado da criação, disparação, então, é forma do aprender e forças do aprender, a pedagogia menor é uma pedagogia experiencial, acontecimental e vitalista.

Entrementes, se por um lado foi detectada a existência ‘fissuras problematizantes’ dentro dos aparatos representacionais que insistem em nutrir a Pedagogia tal como a concebemos contemporaneamente, por outro, se faz urgente o estudo das estruturas e operações geradores de encontros produtores das variantes intensivas e expressivas da Pedagogia e seu ofício de acompanhamento.

Deleuze continua sendo brindado por estar sempre no horizonte de novos problemas a surgir. A importância de um aprofundamento deste tema tendo em vista que minha tese de doutorado<sup>15</sup> identifica a existência dessas fissuras e aponta alguns posicionamentos estratégicos com relação às supostas capturas realizadas pelos aparatos representacionais advindos do campo da educação, como por exemplo, o *modus operandi* de uma pedagogia científica, de uma pedagogia experimental e tantas outras, mas não aborda um ponto importante que os projetos de investigação em andamento pretendem – expressar um *modus vivendi* da Pedagogia contemporânea através das práticas pedagógicas variantes e variadas de um dado cotidiano formal, informal e não formal de educação. Portanto, a atual proposição de pesquisa demonstra que não basta a explicitação de algumas pistas sobre o funcionamento das aberturas modulares da Pedagogia há que desenvolver um estudo sobre os efeitos dos encontros propiciadores desta dinâmica de modulação pedagógica, ou seja, não apresenta as problematologias próprias de uma pedagogia que não ocupa, mas se localiza no entre vincular e

---

<sup>15</sup> A partir da construção conceitual da tese surge um de seus elementos primordiais – os traçados nômades da Pedagogia. Estes traçados se dariam em zonas intensivas de um dado cotidiano e a diferença em Pedagogia surgiria como dobras pedagógicas – ações experienciais de natureza ‘prática’. Quando a Pedagogia se dobra, ela aumenta, ela perambula por direções variadas e errantes, ela (se) cria e, por isso, seria impossível que a tese em voga consolidasse uma ‘Identidade Nômade’ para ela. A identidade, filha da representação, fixa os lugares de atuação, movimento contrário do que, em realidade, exprimiria uma Pedagogia nomádica. (Cf. Gláucia Maria, “*Das Imagens Identitárias da Pedagogia ao ofício de Pedagogo na contemporaneidade: traçados Nômades*”. Tese defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP, na área da Filosofia da Educação em junho de 2009). Vide referências.

relacional.

### **Drama e Ovo**

A necessidade de compreender a operação de ‘intercessão’ e criação conceitual que Deleuze realizou com alguns pensadores por ele eleitos, obriga a seguir uma de suas muitas linhas conectivas. Entender quais eram as alianças conceituais que Deleuze realizou para construir a sua filosofia era um desafio ‘auto imposto’ ao lado do latente desejo de acompanhar as mutações problematológicas advindas das pesquisas realizadas até então. Com o intuito de cumprir os dois movimentos ao mesmo tempo, a escolha da linha que ousou chamar de ‘tecno-científica’ foi a saída encontrada.

A primeira ‘vizinhança’ detectada foi a respeito do interesse de Deleuze por Henri Bergson. Em 1966 Deleuze escreve *Bergsonismo*, obra publicada antes da defesa de sua tese doutoral *Diferença e Repetição* (1968) que guarda em si germes fundamentais que nutrirão a mesma tese através de uma *teoria das multiplicidades*. A visita deleuzeana a conceitos bergsonianos – intuição, duração, memória e impulso vital – devém marca singular da assinatura filosófica de Deleuze.

Ao seguir os rastros conectivos daqueles dois filósofos, se anuncia uma possível atualização conceitual dos *Traçados nômades da Pedagogia*. Neste período, a escrita de artigos, capítulos de livros e ensaios que referenciavam alguns dos fundamentais ‘roubos’ conceituais, da filosofia bergsoniana, feitos por Deleuze, permitiu anotar de modo atento, as funções advindas desta aliança conceitual específica. O que permitiu vislumbrar o estudo do que se denominava “atos livres de aprender”. A partir dos conceitos de intuição e duração. O vitalismo bergsoniano alimenta a ideia de que o aprender defendido nos traçados, era, então, uma dinâmica engendrada na vida. Portanto, havia que defender um aprender como movimento de experienciar a duração da vida que pulsa a despeito do (eu) que aprende. O inovador foco problematológico é desvendado e declarado. A concretude problemática do ato envolve linhas de forças, diferentes expressões e expressividades, poderes de afetar e ser afetado, teoriedades, praticidades, determinações, indeterminações, intensidades,

extensidades. O verbo Aprender é um diferencial diferenciante porque é uma evolução de conquistas íntimas nas quais o parâmetro é um ilimitado combate entre a intensão com "s", uma espécie de interioridade e a intenção, com "ç", que seria uma exterioridade. A evolução pedagógica se dá graças a uma força (pensar) e uma sensação (sentir) requeridas, desejadas e estimuladas.

Derivado da tese, o exercício atual de investigação se alimenta pelo desejo de 'captação' do deambular da de-modulação, como ela se acopla à pedagogia fazendo existir uma modulação pedagógica. Pedagogia expressa nas fendas entre operação e estrutura. Gosto de apreendê-la como um "acaso aberrante"<sup>16</sup>, a modulação de que se aproxima é um acaso ético-estético, uma sensibilia, uma sensibilidade que deve ser produzida, a-sujeitada, o verbo ativado é Ir (com) intransitividade.

Ao tecer alinhavos conceituais através daquilo que se designava como "linha filosófica técnico-científica" se fortaleceu através de um segundo encontro teórico-conceitual aliançado por Deleuze. Como filósofo da técnica, Gilbert Simondon se torna um grande aliado na condução do problema em voga. Uma aliança trígona – Bergson-Deleuze-Simondon - conduz a pesquisa.

Simondon trabalha sobre um conceito fundamental, problema por ele acompanhado intensivamente e muito visitado por Deleuze – o princípio de individuação. Uma das primeiras denúncias do texto é sobre o modo de pensar o mundo de maneira binária. Como entender isso? Através de princípios. Por um lado, o atomista (substancialista) que defenderá a ideia de que os indivíduos são constituídos a partir de uma realidade primária ou primeira (átomos); Por outro, a perspectiva hilemórfica, na qual os indivíduos são pensados a partir da junção entre matéria (*hylé*) e forma (*morphé*). Elas se caracterizam, segundo a tradição científica e filosófica por determinadas afinidades - a ideia de origem (princípio). Simondon propõe, então, uma radicalização para pensar a individuação desde outras entradas e, insistindo, nas saídas. O problema atacado por ele grande parte de sua vida foi o de pensar o Ser em estado de individuação. Na verdade,

---

<sup>16</sup> Com o intuito de aprofundar as lógicas experiências da Pedagogia menor utilizarei fragmentos propositivos da obra de LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo, n-1, 2015.

não há origem, nem fim, mas aspectos, passagens, encontros, trajetos, re-dissonâncias. Sua proposição radical, ao realizar a minha ‘captura’, obriga não só uma visita, mas uma pacienciosa e persistente permanência em sua obra “A individuação à luz das noções de forma e de informação”<sup>17</sup> (1958). O objetivo inicial tem sido entender a *Alagmática*<sup>18</sup>, suplemento desta obra, que vai possibilitar o estudo dos “atos de modulação”. O movimento atual da pesquisa pós-doutoral é a construção de uma modulação pedagógica, que operatória-esquemática, demonstraria o Aprender como força plástica.

Deste modo, é nas transpassagens do trio selecionado B;D;S (Bergson, Deleuze, Simondon) que se localiza a potência deste *liame* investigativo: uma modulação pedagógica constituída através dos “atos livres de aprender como forças plásticas diferenciadoras”. Tal tarefa só será possível através de intercessões vitais. Para Deleuze, uma importante tarefa para a criação de sua Filosofia da diferença foi escolher estrategicamente seus intercessores. Se entendemos com ele que a principal tarefa da filosofia é a criação de conceitos, criação que se dá em função dos problemas concretos em pauta. Quando a pesquisa acontece, a pergunta resplendente é: “para que escrevo?”; somente partindo daí que o “para quem” habitará um sentido. Escrever em campo, com um ‘bande’ - *pedagogues*.

O modelo em educação é um problema, mas também o modelo de problema em educação deve ser repensado, isso para não dizer extinto. Não pensar por modelos. Pensar, e isso é o que importa, esta é uma tarefa crucial em nosso tempo. O problema do modelo em educação é forte e muitas vezes dificulta e impede os processos de singularização da Pedagogia e do saber pedagógico na contemporaneidade. Um modelo é uma predeterminação do pensamento, portanto, produz um pensamento que faz com que o cérebro funcione de

---

<sup>17</sup> Cf. *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information* (1958). Tradução realizada por Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo e publicada em 2020 pela Editora 34.

<sup>18</sup> “A *alagmática* é a teoria das operações. Na ordem das ciências, ela é simétrica à teoria das estruturas, constituída por um conjunto sistematizado de conhecimentos particulares [...] Talvez fosse mais conveniente definir as grandes categorias de operações, os diferentes tipos de dinamismos transformadores que o estudo objetivo revela, e tentar classificá-los conforme suas características intrínsecas”. (SIMONDON, 2020, p. 559).

maneira codificada. Um modelo pedagógico colocado em ação inibe as dinâmicas modulares, as paralisa. Dificulta a transição contínua da experiência. Como já foi explicado por Bergson, “[...] a intelectualidade suja a experiência”, o modelo é como um *a priori* é imperativo inibidor das modulações pedagógicas. Portanto, há que intuir o durável na dinâmica variabilística da Pedagogia. A busca do funcionamento destas alianças conceituais operacionalizam a conjunção e (des-)composição pedagógica de modo a sentir as variabilidades moventes dos meios: drama e ovo<sup>19</sup>.

Um ovo designa sempre uma realidade intensiva, passagens de intensidade que não in-diferencia, mas distingue. Ovo é via de diferen(ç)ação. Um ovo refere-se, portanto, a dinamismos espaço-temporais. As coisas, órgãos, organismos divergem através de “gradiente, migrações, zonhas de vizinhança”. E o que relação tem um ovo e uma ilha, afinal? Uma ilha é origem segunda, sempre o mínimo necessário para recomeçar o (n)ovo. Ilha é um “ovo do mar”.

O que interessa é pensar no ovo como o limiar de intensidade, um corpo esquizo, um corpo catatônico, uma vida não-orgânica. Alianças potentes entre Deleuze e seus dois intercessores: Bergson e Simondon. Para Deleuze é fundamental assegurar *consistências* no íntimo das tendências. É em intensidade que é preciso ‘interpretar’ tudo. Vetorizar pelo ovo, é sobre variar eixos, as zonas saltam (via). Para os estoicos o ovo sempre foi fundamental para o combate entre discursividade e filosofia. A linguagem só importava se entendida como um ovo em vias de diferen(ç)ação.

Não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis. O segundo momento não é aquele que sucede o primeiro, mas é o reaparecimento do primeiro quando se encerrou

---

<sup>19</sup> São três textos utilizados para desenvolver esta noção. A) a) DELEUZE, G. O Método de dramatização [1967]. In: *A ilha deserta: e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006 (p.132); b) DELEUZE, *Causes et raisons des îles désertes* (Causas e razões das ilhas desertas) - Manuscrito dos anos 50. Publicado como primeiro texto do livro *A ilha deserta: e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006 (p. 11). c) Orlandi, L.B. *O filósofo e seus ovos*. In: <https://periodicos.ufop.br/rafarticle/view/639/595>

o ciclo dos outros momentos. A segunda origem, portanto, é mais essencial que a primeira, porque ela nos dá a lei da série, a lei da repetição, da qual a primeira origem só nos dava momentos.(Deleuze, 2006, p. 22).

De certo modo, a composição “drama-ovo” é uma tentativa de experienciar o método. Praticá-lo no interior intensivo dos dinamismos espaço-temporais puros porque são eles que têm o poder de “dramatizar os conceitos”. É o dinamismo geográfico de uma ilha, ilha entendida como ‘ruptura’ que o “dinamismo mítico do homem sobre a ilha deserta” é retomado. O que há de fundamental nesta agitação intervalar é que tanto ciência quanto as ‘coisas em si’ vão dramatizar. “Dado um conceito, pode-se sempre procurar o drama a que ele corresponde, e o conceito jamais se dividiria nem se especificaria no mundo das representações sem os dinamismos dramáticos[...]” (Deleuze, 2006, p. 134). Em vista disso, não se trata de expressar alianças em termos representacionais, mas apresentar traços singulares e distintos do que conecta, portanto, daquilo que cria a conexão e é criado por ela. Deleuze (2006, p.131) apresenta a fragilidade das questões filosóficas que partem da pergunta Que é? ao invés de questionamentos pautados no Quando? Quanto? Como? e enfatiza a falácia do procedimento representacional quando aporta a importância dos dinamismos espaço-temporais propiciados pelo domínio substantivo da multiplicidade.

564

### **Tática vital: (P)ovo(Ar)**

O vocábulo (P)ovo(Ar) carrega em si pelo menos três dimensões fundamentais:

1. Ser verbo, portanto, possibilidade prática, ação e movimento. Em sua transitividade direta ele se relaciona com um espaço a ser povoado, uma região, um local. Em sua transitividade indireta ele se alia às preposições “de”/ “com” indicando uma causa para o povoamento. Por fim, como verbo pronominal ele auto-posicionado quando há um ato de se encher “de” algo, tornar-se povoante.
2. Derivar, ser derivação. Deste vocábulo derivam concomitantemente: povo, ovo, povoar, ar. Dinâmicas derivadas e derivativas, muitas vezes, geradoras de qualidades singulares.



3. Gerar, operacionalizar vida. o vocábulo (p)ovo(ar), distinto, do verbo povoar designa e desenha um ovo que respira e localiza. Oxigênio e Geografia.

Sobre a terceira dimensão entendida como uma dinâmica variabilística essencial porque explicá-la se alguém a expressa de modo mais contundente e certo? Orlandi em seu texto *O Filósofo e seus ovos* diz:

O devir-ovo é a dinâmica de uma espaço-temporalidade intensiva em que ocorre a re-criação, o recomeço do novo, a trans- passagem de encontros extensivos em encontros intensivos. Entre o devir-ovo e o criar corpos sem órgãos, e em cada um desses verbos terríveis, há um deslizamento de vibrações do desejo. Sim, do desejo enquanto “princípio imanente do ciclo da produção” natural, social, histórica. Há expressões que tornam reversíveis o CsO e ovo. No começo de um texto é dito que *o corpo sem órgãos é o ovo*; e logo em seguida é dito que *o ovo é o corpo sem órgãos*. [...] Mas é literalmente que ovo e corpos sem órgãos reaparecerão juntos, e produtivamente como operadores conceituais, numa obra que, dizendo coisas a respeito de quadros de um grande pintor, radicaliza o ir além do jogo da matéria e da forma, jogo ainda preso à modelagem aristotélica do problema da individuação, do problema do recomeço do novo, portanto. E esse além é um estranho aqui e agora que atravessa e perturba esse jogo, é uma trans- relação entre forças e matéria intensificada, é um dinamismo pelo qual a forma, em vez de submeter a matéria, é ela própria submetida à função de *dar visibilidade a forças invisíveis* que pulsam na fremente materialidade. (ORLANDI, 2010, p. 137-138)

565

P(ovo)Ar, nesta perspectiva, é tática porque subentende uma função – visibilizar (in)visíveis. Não se trata mais de questionar o que é a Pedagogia, mas localizar quais ‘ovos’ a Pedagogia cria para si quando diverge de si mesma. Uma Pedagogia auto-posicionada e ‘desconfiada’ sonda e apreende o complexo diverso-converso que a envolve, abandona os falsos problemas que concernem a um só tempo, ao problema inexistente de sua identidade social e ao falso problema de sua identificação epistemológica e cuida do acidental nas dinâmicas de variação articulatória e turbilhonar. Não é movimentos, mas velocidade “prática-teoria-prática” que modulando, singularizam procedimentos, funções e operações pedagógicas. É pelo ‘veloz’ que surgem encontros efetivadores do distinto pedagógico dentro dos aparatos representacionais nutrem esta mesma Pedagogia representada dissimuladamente. O movimento é de apreensão, logo, o

de compreender como funcionam as variabilidades expressivas da Pedagogia em perpendicularidade com a Filosofia.

É no fazer pedagógico que a Pedagogia flui.<sup>20</sup> É desde sua dinâmica variabilística que seus traçados nômades se expressam. Dinâmica é, em grande medida, operação e, neste caso, dupla *transoperatória* de uma Pedagogia filosófica retroalimentada por uma Filosofia Pedagógica.

Em suma, toda coisa está no cruzamento de uma dupla síntese: de qualificação ou de especificação e de partição, composição ou organização. Não há qualidade sem uma extensão que a subentende e na qual ela se difunde; não há espécie sem partes ou pontos orgânicos. As partes são o número da espécie, assim como a espécie é a qualidade das partes. São esses os dois aspectos correlativos da diferenciação: espécies e partes, especificação e organização. Eles constituem as condições da representação das coisas em geral. (DELEUZE, 2006, p. 131).

As alianças entre Filosofia e Pedagogia organizariam a fabricação de problemas de que natureza? talvez a *pedagogia do conceito* seja um *concreto conectivo* entre Filosofia e Pedagogia, justamente porque ela é o que realiza, ao mesmo tempo, a criação e superação dos problemas, via conceitos. No entanto, a pergunta *o que vibra no conceito?* é uma variação problematológica que força a busca do esclarecimento acerca da natureza desta conexão.

Contudo, não é suficiente saber que nos volumes filosóficos e pedagógicos que a ‘pedagogia do conceito’ provém e também se renova, a questão é compreender como se exprime o (p)ovo(ar) entre elas. Que forças auxiliam este vitalismo conectivo?

Há sempre uma vida do problema, um obstáculo a ser percorrido e vencido. A vitalidade do problema é um movimento contra-estático que permeia os elementos em questão, transformando seres e coisas constantemente. Por isso, a Pedagogia e a Filosofia em seus estados conectivos e experienciais tenderiam a se expressarem a partir de criações próprias de um campo problemático, pois o que importa é a ressonância dos problemas que faz movimentar caoticamente, no

---

<sup>20</sup> Sobre esta dinâmica da Pedagogia Cf. FIGUEIREDO SILVA, G. M. . *Les Images Identitaires de la Pédagogie dans la contemporanéité: mises en lumière sur les tracés nomades*. Penser l'Éducation (Mont-Saint-Aignan), v. 1, p. 58-77, 2010.

plano de imanência, os elementos variantes e, possivelmente, constituintes da Pedagogia do conceito.

Deleuze e Guattari afirmam que não há dificuldade em captar a ‘natureza’ do conceito, que obviamente, acompanha a dinâmica problematológica da qual ele é parte. Os conceitos são como as cores, os sons ou mesmo as imagens, existem como intensidades convenientes ou não, mas que não abarcam nem interpretações e muito menos a rigidez da representação. O conceito que é um incorporal (virtual) e é criado por esta força produtora de diferenças, um dinamismo interno, cuja função vital é criar, tal dinamismo se traduz num *esforço ontológico* de diferenciar. Este dinamismo é componente do movimento de criação conceitual, como também um operante fundamental do interior das espécies e organismos variados. Esta vitalidade ontológica apresentada por Bergson e retomada por Deleuze e Guattari como potência de diferenciação sugere uma mudança radical no seio da filosofia porque enfatiza a mobilidade dinâmica e durável que constitui corpos e os incorporais que o rasgam.

Surge, conseqüentemente, um ‘precursor sombrio’ – a intensidade da diferença. Este flúmen se traduz pela necessidade de comunicação entre as diferenças de intensidade. Nas palavras de Deleuze (2006, p.133) “É preciso um ‘diferenciador’ da diferença, que reporta o diferente ao diferente[...]. O raio fulgura entre intensidades diferentes, mas é precedido por um *precursor sombrio*<sup>21</sup>, invisível, insensível, que de antemão lhe determina o caminho invertido e escavado, porque o precursor é, primeiramente, o agente da comunicação das séries de diferenças”. Nesta perspectiva é que o sistema de alianças entre Filosofia e Pedagogia se preencheria de qualidades e se desenvolveria em extensão, durando o tempo necessário para aniquilar uma diferença constituída originariamente.

Para honrar esta celebração há que seguir acionando encontros mutantes, transformadores, propositivos e criadores. A tática de (p)ovo(ar) educações, ciências, artes, filosofias e pedagogias é revolução sombria, não localizável, dinâmica variabilística de transição contínua. Sigamos perseguindo localizações,

---

<sup>21</sup> Grifo do autor.

habitar mais que ocupar; façamos jus às lógicas aberrantes que acontecem rasgando na transversal o Caos.

## Referências

- BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, H. *A evolução criadora*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Trad. João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz B. Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988, 2ª edição 2006.
- DELEUZE, G. *A ilha deserta: e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade. Organização e Revisão Técnica de Luiz B. Orlandi. São Paulo, Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, G. *Conversações (1972-1990)*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Rio de Janeiro: Edições 34, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Rio de Janeiro: 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Edições 34, 2004.
- LAPOUJADE, D. *Deleuze: os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- SIMONDON, G. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. Trad. Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: editora 34, 2020.
- ZOURABICHVILLI, F. *Le vocabulaire de Deleuze*. Paris: Elipses, 2003.